



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Sexualidades.

Sub-eixo: Ênfase em Geração.

## JUNHO VIOLETA: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE AS EXPRESSÕES DA VIOLÊNCIA JUNTO À POPULAÇÃO IDOSA

Gabriela Cristina Carneiro Vilione<sup>1</sup>

Sarah Pitanga Santos<sup>2</sup>

Vitória Lubiana Antunes<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente relato de experiência discorrerá acerca de Oficinas realizadas no “Junho Violeta”, destinado à campanha de combate à violência contra a pessoa idosa. Objetivamos, além de discorrer sobre esta vivência no âmbito técnico-operativo, correlacionar à dimensão teórico-metodológica e ético-política, e apreender as diversas expressões da violência nesta ação junto aos segmentos idosos.

**Palavras-chave:** Junho Violeta. Velhice. Violência.

### Notas introdutórias

Vivenciamos na contemporaneidade o fenômeno do envelhecimento populacional, fenômeno este, alcançado mediante múltiplos fatores, os quais podemos destacar: avanços tecnológicos; aprimoramento da medicina e fármacos; a globalização (embora corrosiva aos recursos naturais entre outros aspectos negativos), porém, inegavelmente amplia o repertório de informações, dos acessos (embora restritos) e progressos (mesmo que seletivos); entre outras mudanças demográficas e societárias, e as conquistas de direitos, sobretudo, pela luta de classes.

Mas esta longevidade reside numa contradição, pois viver mais não é sinônimo de viver melhor, uma vez que a conjuntura sócio-ideopolítica contemporânea nos aponta para um quadro de intenso avanço neoliberal com o desmonte de direitos, especialmente, a partir das contrarreformas do Estado. Não diferentemente aprecia-se a questão da velhice, considerada, na lógica do capital, fase onerosa, pois a força de trabalho da velha classe trabalhadora, já não mais apropriada enquanto mais-valor estaria em sua “improdutividade”,

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual Paulista. E-mail: <gabyvilioni@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. Universidade Estadual Paulista. E-mail: <gabyvilioni@hotmail.com>.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação. Universidade Estadual Paulista. E-mail: <gabyvilioni@hotmail.com>.

exigindo medidas de valorização. Leia-se, valorização ao capital como reprodutora e cuidadora de outras forças de trabalho, ou mesmo como novos consumidores em potencial. Assim, “(...) as relações de produção e reprodução sob o jugo do capital e sua lógica de desvalorização do ser humano, de suas necessidades e qualidades, só lhe interessa como força produtiva ou consumidor (...)” (TEIXEIRA, 2008, p.112). Leia-se: a idealizada “Terceira Idade” vivenciando a suposta idade do descanso, autorrealização e lazer (consumo).

No entanto, sabemos que o processo de envelhecimento não é homogêneo e sim condicionado pelas determinações sociais, portanto, a classe trabalhadora subalternizada não acessa a falaciosa política de “envelhecimento ativo” que centraliza o envelhecer às expensas do indivíduo. Velhice vista individualmente e não como sujeitos de direitos, mas como sujeitos de responsabilidades. Contudo, o envelhecimento humano é muito mais do que se preconiza: alimentar-se bem e praticar exercícios físicos. O envelhecimento é um processo e tal como processo exige condições para que ocorra de modo digno. Envelhecer, deste modo, é resultante das condições concretas de vida, da historicidade do ser social e de suas relações sociais numa dada sociabilidade. Envelhecer, assim, é fenômeno real, histórico, complexo, heterogêneo e multidimensional – com dimensões cronológicas, biológicas, econômicas, políticas, culturais e sociais.

Isto posto, em tempos de retrocesso, alienação e juventude sobrepujante, e por conseguinte, desvalorização do velho, agudizam-se os estereótipos da velhice, sua negação, e mesmo a cultura violenta reproduzida cotidianamente contra os velhos e velhas trabalhadoras.

Neste sentido, o Junho Violeta é fruto da campanha promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), iniciada em 2006, em que se destina o mês inteiro de Junho a fim de criar uma consciência mundial sobre a existência e necessidade do combate à violência contra a pessoa idosa; além disso, possui o intento de sensibilizar os mais variados espaços e ações sob o lema “Violetas contra a violência” e “Dignidade e respeito para com a pessoa idosa”. Neste caso singular, constituiu-se parte de um processo de ações na modalidade Oficina, promovidas no âmbito da Política de Assistência Social, especificamente, pela

#### Proteção Social Especial –PSE.<sup>4</sup>

Cumprе destacar que no planejamento inicial, as ações contemplariam apenas os serviços referenciados a PSE, cujos direitos já estão violados, portanto, necessitariam ampliar a discussão sobre violências, no entanto, a convite de serviços da Proteção Social Básica – PSB, a ação também ficou extensiva à prevenção. Para tanto, neste relato de experiência, embasaremos em uma vivência prática de cada proteção, a saber: no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV e no Centro Dia do Idoso – CDI. Faz-se importante salientar que as ações são de caráter continuado e não encerraram seu ciclo de Oficinas no corrente ano.

Ademais, a concepção teórico-metodológica eleita para a fundamentação deste trabalho foi o materialismo histórico-dialético marxiano, pois “a dialética marxista abarca não somente o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais, que lhe atribuem significados” (MINAYO, 2004, p. 11), representações presentes no fenômeno da violência contra a pessoa idosa, hajam vista as representações também introjetadas no fenômeno do envelhecimento, acentuadas em tempos de capital neoliberal que liquida e desmantela direitos.

Em suma, este trabalho caracteriza-se por uma analítica teórico-prática em formato de relato de experiência sobre Oficinas realizadas com o tema “Violetas contra a violência”, cuja iniciativa partiu do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS do município de Franca/SP em articulação e parceria com os serviços referenciados. Além de discorrer sobre esta vivência que expressa a dimensão técnico-operativa do Serviço Social e correlacioná-la à dimensão teórico-metodológica e ético-política, também possuímos a pretensão de apreender as diversas expressões da violência nesta ação junto aos segmentos idosos, ou seja, refletir sobre as mediações realizadas

---

<sup>4</sup>De acordo com a Política Nacional de Assistência Social – PNAS, os serviços de proteção social dividem-se em Proteção Social Básica - PSB e em Proteção Social Especial - PSE, em que a primeira possui caráter de prevenção de situações de risco social, com o trabalho de fortalecimento de vínculos familiares e comunitários em situações de vulnerabilidade social. Já a última, Proteção Social Especial tem por objetivo o enfrentamento das situações de risco pessoal e social, por violação de direitos, nisto, organiza a oferta de serviços, programas e projetos de caráter especializado e caracteriza-se por níveis de complexidade média e alta, de acordo com a especialização exigida na ação. Devem ser oferecidos de forma continuada a indivíduos e famílias em situação de risco pessoal e social por ocorrência de violência física ou psicológica, negligência, abandono, abuso e exploração sexual, fragilização ou rompimento de vínculos ou afastamento do convívio familiar devido à aplicação de medidas, entre outras.

nestas ações para o envolvimento de coletivos de pessoas idosas no reconhecimento das diversas expressões da violência e seu combate.

## 1. O processo, a acolhida e as reflexões

O processo inaugural constituiu-se pelas reuniões de planejamento entre a equipe para a construção da Oficina. Foram momentos fundamentais em que se pensou a quantidade/alcance de pessoas (idosos (as); familiares e equipes dos serviços); os desafios da comunicação (linguagem e abrangência) diante das limitações, diversidade, deficiências e heterogeneidade do envelhecer (classe social, raça/etnia; gênero); preparação de uma dinâmica acolhedora e envolvimento da maioria; e recursos a serem utilizados e preparados (materiais didáticos e demais instrumentos).

A abertura do Junho Violeta deu-se no dia 1º de Junho com a Oficina “Violetas contra a violência” realizada no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV para pessoas idosas da região leste do município de Franca/SP. Cabe ressaltar que este serviço tipificado é descrito em ter como foco:

[...] o desenvolvimento de atividades que contribuam no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social. A intervenção social deve estar pautada nas características, interesses e demandas dessa faixa etária e considerar que a vivência em grupo, as experimentações artísticas, culturais, esportivas e de lazer e a valorização das experiências vividas constituem formas privilegiadas de expressão, interação e proteção social. Devem incluir vivências que valorizam suas experiências e que estimulem e potencialize a condição de escolher e decidir. (BRASIL, 2014a, p.18).

Assim, ao SCFV elaborou-se uma pauta a fim de seguir um roteiro preestabelecido que mantivesse a programação – duração de aproximadamente 02 horas de Oficina. De início realizou-se a *acolhida* com as devidas apresentações seguida da elucidação sobre o objetivo da Oficina em contextualizar e divulgar o “Junho Violeta”, além de problematizar e desmistificar o fenômeno da violência em suas variadas dimensões e espaços.

A *segurança de acolhida*, segundo a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais prevê “Ser acolhido em condições de dignidade em ambiente

favorecedor da expressão e do diálogo; Ser estimulado a expressar necessidades e interesses (...) Ter sua identidade, integridade e história de vida preservadas; Ser orientado (...). (BRASIL, 2014a, p.30). Nesta perspectiva, realizou-se a proposta dos (as) participantes idosos (as) e suas famílias ao ganharem uma violeta simbólica – artesanato manualmente confeccionado em crepom e demais materiais, especialmente, para a realização da oficina – definiriam uma qualidade que os representavam.

A intencionalidade de cada participante identificar uma qualidade, foi o de promover pelo reconhecimento de sua adjetivação, mediações com a questão da potencialidade de cada ser social enquanto sujeito em sua singularidade, o qual deve valorizar-se (sobretudo em tempos de desvalorização e estigmatização da velhice) e associar suas qualidades com as dos demais (pares) para a identificação e formação de um todo (coletivo) em sua unidade, pertença, universalidade e fortalecimento, necessário principalmente, no combate à violência contra a pessoa idosa.

Em outra data, sob os mesmos objetivos e acolhida, porém com outra abordagem/técnica de realização, a Oficina se deu com as pessoas idosas do Centro Dia do Idoso – CDI da região leste e sul. Nesta acolhida, a flor entregue (violeta em tecido), foi confeccionada artesanalmente na extremidade de canetas.

Em ambas as acolhidas, percebemos que os participantes tiveram dificuldade em reconhecer suas qualidades, confundindo-as com suas características ou atividades com as quais se identificavam, além da dificuldade em compreender a concepção de qualidade. Muitos contavam um pouco de sua história ou apresentavam-se satisfeitos com o serviço ofertado, desviando da pergunta inicial, que logo seria problematizada, possibilitando assim, o início da construção das reflexões.

No que tange a esta dificuldade em qualificar-se, dar-se um valor, é compreensível que ocorra, pois pela perspectiva marxiana, compreendemos que numa sociedade que preza o valor apenas de produção com a subsunção da classe trabalhadora aos ditames do capital, seja um exercício extremamente complexo o de qualificar-se enquanto ser social e não mais como valor de troca – força de trabalho transformada em mercadoria. É ainda mais compreensível que a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos faça-os remeterem-se as

suas histórias de quando trabalhavam e se consideravam na qualidade de produtivo, útil e de valor de uso, mas quando alijados do mundo do trabalho esta identificação torna-se difícil ou mesmo nula. Assim, assentimos com Marx (1988), que o capital viola o valor para a sua própria valorização.

Dessa forma, foram recorrentes qualidades como “trabalhadeira”; “honesto”; “esforçada”; “dedicado”; “cuidadosa”, entre outras as quais refletem a dimensão produtiva e reprodutiva, ou seja, retrata o sentimento de ser útil pelo que produz ou produziu, pelo que faz ou fez, e isso repercute diretamente na personalidade, no comportamento, na vida dos sujeitos, afinal “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (Marx e Engels, 1984, p.23).

Também houve participantes que tiveram a necessidade de contar sua história, algo recorrente entre pessoas idosas, uma vez que na sociabilidade mercantil do capital, o diálogo tem sido secundário sob a lógica da “*internetização*”, culminando em relações sociais cada vez mais distantes, dissolvidas, coisificadas e desvalorizadas. Nisto, à luz do pensamento de Teixeira (2008, p. 56), concordamos que “O capitalismo redefine o sentido de “utilidade”, ao qual tudo deve-se conformar, tanto para as coisas quanto para as relações e as pessoas, definido como o que é vendável, lucrativo; lógica à qual os seres humanos devem ajustar-se [...] ou perecer [...]”.

## **2. Os métodos, as técnicas e as expressões**

Em continuidade, após a acolhida, o método utilizado foi dialógico, ou seja, partir do diálogo numa perspectiva crítica e de totalidade<sup>5</sup> pela construção não de uma concepção de violência - a fim de evitar-se reducionismos – mas da percepção da violência de maneira conjunta, e a partir do envolvimento de todos e todas, identificar e problematizar as expressões diversas da violência a partir de suas vivências. Neste sentido, utilizamos a técnica de livre expressão em roda de conversa para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, pois o público idoso participante era de pessoas

---

<sup>5</sup> A compreensão da dialética da totalidade, de acordo com Kosik (1976, p. 34), “significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo nas interações das partes.”

com idade igual ou superior a 60 anos, usuárias da Política de Assistência Social, com vivências de isolamento social por ausência de acesso a serviços e oportunidades de convívio familiar e comunitário, e demais vulnerabilidades, porém ativos e com grau de compreensão maior. Nessa data, contabilizaram-se cerca de 40 participantes (entre pessoas idosas e suas famílias).

Em seguida, foram distribuídos entre os participantes tarjas com a proposta de escreverem sua concepção livre sobre violência para compor um painel, onde completaram a frase (eixo central) “A violência é...?!”. Assim, as primeiras reflexões giraram em torno das expressões que as pessoas idosas apresentaram em suas tarjas individuais para expressarem o senso comum, vivências ou outras situações relacionadas ao que é violência. Posteriormente, as tarjas foram coladas no painel para todo o grupo visualizar, e nisto, iniciamos as exposições das expressões indagando o que seria consenso e comum à todos relativo às percepções sobre violência.

Podemos elencar, algumas das expressões as quais se repetiram ou tiveram maior repercussão, dentre elas:

- “Violência é desrespeitar o idoso”;
- “Xingar o idoso”
- “Bater”
- “Falta de respeito é uma violência muito grande”
- “Violência é uma coisa que dói muito, a gente nunca consegue esquecer”.
- “São palavras, agressões, humilhar, estupro, bullings e preconceitos”;
- “Não é só agressão física, são todas as formas de que machucam o próximo”;
- “Violência é crime principalmente a violência patrimonial é quando uma pessoa compra um objeto vem uma pessoa quebra o objeto”.

Analisando as expressões acima, percebemos a presença do senso comum na resposta dos participantes, além de algumas vivências pessoais de violência que foram refletidas e compreendidas durante a fomentação da dinâmica.

Para identificação e didática, utilizaram-se tarjas de cor verde para representar as livres expressões de cada pessoa idosa, e as tarjas de cor rosa para distinguir as de intervenção das facilitadoras. Também deixamos aberta a possibilidade de novas tarjas a serem construídas coletivamente após as intervenções e novas reflexões. As pessoas idosas participantes puderam contar com o auxílio dos familiares na

elaboração das expressões como forma de integração intergeracional, todavia a voz preponderante de participação deveria ser o coletivo idoso enquanto protagonista da velhice e de suas histórias.

Com relação às tarjas de intervenção, destacamos a seguir “A violência é...?!:

- Fila no INSS;
- Falta de medicamentos na UBS;
- Limitação de vagas nos serviços da Assistência Social;
- Não conclusão dos estudos;
- Ausência de informação e acesso ao lazer/cultura;
- A ideia de inutilidade da pessoa idosa
- A desvalorização da velhice

Tais tarjetas foram pensadas no sentido de abranger violências estruturais, estatais e simbólicas em diversos espaços e distintas instâncias. Como podemos perceber, está contemplada a violência no âmbito da seguridade social (tripé previdência, saúde e assistência social), na saúde, na cultura e demais aparelhos ideológicos, objetivando romper com a identificação única e imediata da violência física intrafamiliar, ampliando-a para a sociedade reprodutora de ideologias sob a estrutura do capital e suas relações sociais.

Ao fim, todas as tarjas foram colocadas no mesmo painel com a finalidade de serem problematizadas e discutidas. Dentre as tarjetas de livre expressão apareceram tanto conceitos de senso comum como outras que revelaram conhecimento maior sobre as expressões da violência. Importante destacar que compreendemos aqui, o senso comum, não como um senso equivocado ou ruim, e sim, fruto de uma construção social, representando vivências e podendo reproduzir ou não a ideologia dominante disseminada pelo capital.

Depois da leitura de todas as tarjas escritas pelos participantes e com a colaboração de todos, abordamos sobre as tarjas de intervenção para a desconstrução e reconstrução de outras definições de violência, sendo elas: a violência estrutural, a violência institucional e as formas de reprodução e naturalização das violências, sobretudo aquelas típicas dessa etapa da vida. As violências vividas pelas pessoas idosas compatibilizam com as violências vividas e produzidas pela sociedade brasileira introjetadas na cultura de desvalorização.



No que concerne à seguinte Oficina realizada, no Centro Dia do Idoso – CDI, o método utilizado manteve a questão da dialogicidade em roda de conversa numa construção partida de suas vivências e expressões numa perspectiva de totalidade, todavia a técnica eleita não foi a “livre expressão”, uma vez que cuidadosamente pensamos nas diferenças/heterogeneidade do público participante, portanto, a técnica utilizada foi audiovisual – utilização de imagens impressas e projetadas e *slides* além da musicalidade.

Importante saber que modalidade Centro-Dia deve promover a autonomia, a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas participantes, e também possui os seguintes objetivos em consonância ao Guia de Orientações Técnicas (BRASIL, 2014b, p.12):

Prevenir situações de risco pessoal e social aos idosos. Evitar o isolamento social e a institucionalização do idoso. Reduzir o número de internações médicas e o número de acidentes domésticos com idosos. Fortalecer os vínculos familiares através de orientações à família sobre os cuidados básicos necessários ao idoso. Compartilhar com as famílias a provisão de cuidados essenciais a seus idosos. Incentivar e promover a participação da família e da comunidade na atenção ao idoso.

Assim, cumpre contextualizar que, atualmente, na realidade social do município de Franca/SP, as pessoas idosas inseridas no CDI, majoritariamente, estão em grau II de dependência, “condição do indivíduo que requer o auxílio de pessoas ou de equipamentos especiais para realização de atividades da vida diária” (BRASIL, 2005, p.02).

Os graus de dependência são considerados, segundo a Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 283/2005, como parâmetros para avaliar a dependência da pessoa idosa no encaminhamento às Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs, no entanto, é também considerada parâmetro (na ausência de outros) para o segmento idoso inserido na modalidade Centro-Dia. Assim, o grau de dependência II refere-se a pessoas idosas com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária tais como: alimentação, mobilidade, higiene; ou com alteração cognitiva controlada. Na particularidade do Centro Dia do Idoso – CDI da região leste e sul, deparamo-nos com diversas demandas, dentre elas: pessoas com deficiência – PCDs (deficientes físicos cadeirantes; deficientes visuais; baixa acuidade sonora e comprometimentos cognitivos em função do acometimento de Alzheimer).

Esta realidade tornou-se desafiadora para a comunicação e reflexão, fato este problematizado com as facilitadoras após o término da Oficina, sobre o qual estamos

submersos na imediatividade, em políticas públicas pontuais e fragmentadas, e isso se reflete em nossa atuação – claro, sem desconsiderar as condições objetivas e concretas de precarização e outras facetas do trabalho – refletidas, muitas vezes, em despreparo para a qualificação do trabalho profissional junto à população. Isto posto, está na contramão de nosso projeto ético-político profissional e o Código de Ética da Profissão conforme o princípio X “Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional;” (CFESS, 1993, p.24), portanto, faz-se fundamental esta reflexão para alcançarmos práticas aprimoradas, propositivas e criativas.

Ademais, no decorrer das oficinas, contamos com o apoio dos (as) cuidadores sociais e demais pessoas que compunham a equipe técnica (coordenadora, assistente social, psicóloga e terapeuta ocupacional) para nos respaldar em atingir via comunicação a todos e todas, uma vez que tinham conhecimento maior dos sujeitos e suas especificidades. No entanto, todas as facilitadoras também realizaram o processo de comunicação popular; áudio-descrição (para a idosa com deficiência visual); e interação integral com todo o grupo no sentido de problematizar todas as imagens (impressas e projetadas) onde se questionava se a imagem expressava ou não algum tipo de violência. Também utilizaram-se as respectivas canções para problematizarmos a violência de gênero; a precarização do trabalho e a negação da velhice, sendo elas: “Ai que saudade da Amélia” (Araulfo Alves); “Cidadão” (Zé Geraldo) e “Envelhecer é uma arte” (Adoniran Barbosa), as quais nos propiciaram profícuas problematizações abordadas no tópico a seguir.

### **3. Vivências: história viva e sofrida por violências**

Ao apresentarmos uma das canções, especificamente “Ai que saudade da Amélia”, abordamos a violência de gênero. Percebemos uma indignação com a letra, que naturaliza tal violência, expressando uma crítica positiva em relação à violência contra a mulher, que é bastante naturalizada em nossa cultura patriarcal de inferiorização e submissão das mulheres. Além da violência de gênero, também problematizamos a expropriação, alienação e estranhamento do (a) trabalhador (a) na música “Cidadão”. Além da discussão e apresentação sobre violência, o intuito da oficina era também abordar a ressignificação da velhice (muitas vezes negada) através de imagens e na música “Envelhecer é uma arte”.

Também foi possível, através do recurso de imagens, refletir sobre o movimento histórico de reprodução da violência contra a pessoa idosa, incitando uma análise a respeito do ciclo de todas as expressões da violência as quais perpassam gerações, sobretudo, pela sociabilidade vigente ser orientada pelo valor à juventude, fazendo com que a velhice seja vista como uma fase de inutilidade, fraqueza e ineficiência, refletindo assim na própria pessoa idosa a negação da velhice, velho é o outro.

Nesta negação da velhice pode-se fazer uma correlação de que, de forma indireta e paradoxal, a velha classe trabalhadora está negando a “improdutividade” socialmente imposta, pois “Abstraindo-se do caráter concreto da atividade produtiva e, portanto, da utilidade desse trabalho, resta-lhe o caráter de ser gasto da força humana de trabalho (gasto produtivo dos cérebros, das mãos, dos nervos etc. do homem)” (IAMAMOTO, 2008, p. 61). Posto que o reconhecimento da velhice em alguns casos demanda a aceitação de certas delimitações físicas e até mesmo psicológicas. Portanto, estar excluído dos modelos de produções que foram construídos e imediatamente postos implica a negação da velhice.

Ao pensar-se nas relações que estão impostas nas estruturas da nossa sociedade é necessário que haja uma análise não com o imediatamente posto, mas sim com o que está para além, “compreender o fenômeno é atingir a essência” (KOSIK, 1989, p.12). Deve-se concernir que as relações se tornam voltadas para uma forma individual, pois o modelo no qual as pessoas estão inseridas dá-se desta forma, “A tensão entre *existência individual* e o *indivíduo como membro de uma classe, pensando como coletividade*, é fruto do decurso do desenvolvimento histórico, próprio da sociedade burguesa” (IAMAMOTO, 2008, p. 373). Essa tensão é fruto da forma como se dá a forma de trabalho (alienado e estranhado) “Alienação enraizada no desenvolvimento da divisão do trabalho, que determina relações distintas entre indivíduos” (IAMAMOTO, 2008, p. 374). Sendo esta uma possível análise que facilite a apreensão de como estão sendo dadas as contradições sociais que são sequelas da sociedade burguesa.

Isto posto, as tarjas e imagens de intervenção foram apresentadas e discutidas uma a uma e obtiveram significativa participação e voz dos sujeitos presentes, tanto que foi possível a (re) construção de novos conceitos e novos conhecimentos de ambas as partes “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a

significação dos significados.” (Freire, 1980, p. 66). Assim, as novas percepções foram delineadas frente a exemplos típicos que vivenciam. Tanto que se identificaram em demasia com as violências estruturais e institucionais que vão na contramão de seus direitos. A partir deste diálogo, foi possível atribuir de quem era a verdadeira responsabilidade e a impunidade estatal. Comparamos o contexto nacional de desmonte de direitos com as reformas e o descaso das três esferas (União, Estado e Município) para com a garantia de direitos básicos e fundamentais da pessoa idosa, pois o Estado emprega a violência para defender os interesses privados das classes dominantes.

Dessa forma, abordou-se sobre a primeira tarja (no caso do SCFV) e imagem (no caso do CDI), referente à fila do INSS, a partir do diálogo em que foi reconhecido de onde partia a violência; a realidade de certas limitações físicas de algumas pessoas idosas; o sucateamento, e a precarização dos trabalhadores que naquele espaço laboram a fim de não culpabilizá-los.

A segunda tarja/imagem retratou a falta de medicamento nas Unidades Básicas de Saúde - UBSs do município. Muitos ali se queixaram sobre a falta de médicos e medicamento, bem como os riscos das descontinuidades dos tratamentos. Ferindo, assim, o inciso V §2º do Art. 15 do Estatuto do Idoso que diz: “Incumbe ao Poder Público fornecer aos idosos, gratuitamente, medicamento, especialmente os de uso continuado, assim como prótese, órteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação” (BRASIL, 2003) engendrando a identificação/reconhecimento unânime de que esta caracterizava-se como uma das expressões da violência, a violência estatal.

A terceira tarjeta/imagem representou a limitação de vagas nos serviços da Política de Assistência Social, uma política totalmente respaldada no Art. 1º em que a República Federativa do Brasil “constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos I - a soberania;II - a cidadania;III - a dignidade da pessoa humana;” (BRASIL, 1988, online). Refletimos sobre a seguinte indagação: será que todos (as) aqueles (as) que desejam estar aqui como vocês estão (no SCFV, no CDI ou mesmo em ILPI) acessam uma vaga?

A tarja/imagem seguinte, sobre a não-conclusão dos estudos, obteve extrema identificação dos participantes os quais discorreram sobre a ausência de condições reais e materiais que os impedia de frequentar o ensino regular devido à dificuldade do acesso ao transporte público gratuito; o prolongado tempo de deslocamento

(muitos saíam de zonas rurais); vivência de trabalho infantil, dentre outros condicionantes do modo de produção vigente que, diante de condições adversas de exploração, violentaram-nos ao lhes privarem do direito à educação.

No que tange às demais tarjetas/imagens sobre a violência ser a ausência de informação e acesso ao lazer/cultura; a ideia de inutilidade da pessoa idosa; e a desvalorização da velhice, diversas vivências foram relatadas revelando e desvelando as múltiplas determinações as quais influenciaram tais violências expressas direta ou indiretamente, sutil ou de forma evidente na vida dessas pessoas idosas.

Mas o ápice das discussões na Oficina com o SCFV, foi justamente na reflexão crítica sobre diversos(as) idosos(as) que não têm acesso a esse serviço, entre outros voltados ao segmento idoso, ocorrendo inclusive casos de usuários (as) os quais foram a óbito enquanto aguardavam em lista de espera, especialmente aqueles que necessitam de acolhimento institucional, ou seja, violências impostas por uma estrutural social seletiva, desigual que se alimenta da barbárie violenta. Assim, as problematizações junto à população idosa usuária dos serviços em tela foram essenciais para o processo coletivo de desvelamento do real, no entanto, de forma alguma seria ou pretendia ser esgotado em uma única ação.

### **Considerações finais**

Esta analítica teórico-prática, em formato de relato de experiência, comprovou o quanto é possível, na atuação profissional, percebermos as dimensões teórico-metodológicas, técnico-operativa e ético-políticas nas ações desenvolvidas. Isso exige refletir para além da imediaticidade imposta pelas demandas cotidianas, é preciso ir além: propor planejamento que considere os desafios da intervenção (no caso a Oficina); execução crítica e dialógica sempre na tentativa de apreender o movimento da realidade sem restringir esta reflexão, ou seja, envolver e ampliar o diálogo popular junto à população idosa da classe trabalhadora; por fim, não menos importante, a avaliação, pois nela reconhecemos nossas limitações, que também são condicionadas pela estrutura do capital e seus embates com a categoria trabalho. Neste sentido, as Oficinas “Junho Violeta: violetas contra a violência” nos propiciaram apreender às diversas expressões da violência junto aos segmentos idosos usuários da Política de Assistência Social (SCFV e CDI), expressões que antecedem as violências particularizadas, pois retrataram as violências estruturais, institucionais e

simbólicas existentes, que permeiam as relações sociais estabelecidas pelo atual modo de produção e reprodução do capital.

Em suma, concluímos – junto com as pessoas idosas – ser necessário compreendermos o fenômeno da violência para além do que os nossos olhos veem na aparência. E refletir criticamente: onde está a essência? Quem também nos violenta todos os dias barrando nossos direitos? Portanto, é importante haver ações de combate à violência que não individualizem subjetivamente uma violência que é concreta. É fundamental coletivamente identificar e socializar – enquanto sujeitos multiplicadores que somos – quais seriam os mecanismos e as redes de proteção social (Promotoria do Idoso; Disque 100; CREAS, entre outros) a fim de provocar a unidade que existe em nós, a força e a resistência de classe para nos unirmos no enfrentamento às expressões das violências cotidianas, as quais poderão ser combatidas em sua plenitude a partir de uma transformação societária.

## Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social** – PNAS/2004; Norma Operacional Básica – NOB/Suas. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Legislativo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 out. 2003.

\_\_\_\_\_. **Resolução de Diretoria Colegiada - RDC Nº 283, de 26 de setembro de 2005.** Ministério da Saúde – MS. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. Diário Oficial da União, Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas:** Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS. Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. **Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais.** Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2014a.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Desenvolvimento Social. **Guia de Orientações Técnicas Centro Dia do Idoso** – “Centro Novo Dia” / - São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Social, 2014b.

BOSCHETTI, Ivanete. (Org.) **Expropriação e direitos no capitalismo.** São Paulo: Cortez, 2018.

CAMPELO e PAIVA, Sálvea de Oliveira. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. São Paulo: Cortez, 2014.

CFESS. **Código de Ética Profissional do Assistente Social**. Brasília: CFESS, 1993.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HADDAD, E. G. M. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução Célia Neves e Alderico Toríbio; Revisão Célia Neves. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **O capital: o processo de produção do capital**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, L 1, v. 1-2.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Moraes, 1984.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra idosos: o acesso do respeito à experiência e à sabedoria**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2º ed, 2005.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. **Política social: temas & questões**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.